

Resumo: A autora faz observações sobre o último documento da CNBB, *Novas Diretrizes para a Formação Presbiteral da Igreja no Brasil*, relacionando-o com a ordenação de homossexuais, acrescentando conhecimentos sociológicos e psicanalíticos sobre o tema. Alerta a Igreja sobre a perversão, mostra uma visão de quem está de fora do clero e faz parte do povo de Deus, e questiona qual seria o significado dos fatos à luz do Espírito Santo.

Abstract: The author comments on the last document of the Brazilian Bishops, *New Guidelines for the Priestly Formation of the Church in Brazil*, relating it with the ordination of homosexuals, adding psychoanalytic and sociological knowledge about the subject. Alert the Church on perversion, shows a view of who is out of the clergy and is part of God's people, and asks what is the meaning of the facts in the light of the Holy Spirit.

A Igreja, a homossexualidade e o clero*

*Arlene Denise Bacarji***

* Com base nos Documentos da Igreja, ressaltando o último documento da CNBB sobre Novas diretrizes da formação presbiteral, de 2010. Artigo publicado na *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis. v. 71, n. 282. p. 309-324. abr. 2011.

** Graduação em Filosofia (UCDB), mestrado em Sociologia (UFPR), mestrado em Teologia (PUC/RS) e doutoranda em Teologia (PUC/Rio).



No ano de 2010, saiu um novo documento da CNBB, “Novas diretrizes para a formação presbiteral da Igreja no Brasil”,¹ no qual se elaboram caminhos para uma formação presbiteral mais aprofundada, considerando os tempos em que estamos vivendo.

Este documento inicia com “desafios de mudança de época”, mostrando a situação da cultura pós-moderna e também do nosso país, em termos socioeconômicos e culturais. Neste artigo, queremos realçar um item do documento e relacioná-lo com alguns dos demais itens, que é a não possibilidade de se ordenar presbíteros homossexuais, assim como lembrar mais dois documentos da Igreja que abordam claramente esta questão, acrescentando referências psicanalíticas e sociológicas.

A cultura pós-moderna estabelece alguns dogmas. Dentre os mais populares, está a libertação das pessoas em relação às instituições, a Deus, à moral, e de todo e qualquer tipo de normas, regras e tradição. É a liquidificação de tudo, como diz Bauman.² E outro dogma pós-moderno é a aceitação de tudo como “normal”, lícito e moralmente correto. Na pós-modernidade, não existe mais certo ou errado, porque não se têm mais referenciais seguros e acreditáveis. Todos os referenciais (religiões, família, estado, leis, educação) se tornaram “verdades” elaboradas para dominações e formas de poder (Foucault) e, por isso, podem ser desconstruídas (Derrida), modificadas ou relativizadas. Nesse turbilhão de novidades “libertadoras”, está também a inexistência do pecado: nada mais é pecado ou imoral. Tudo deve ser permitido e compreendido à luz da diluição e desconstrução, e a Igreja deve também aderir a esse movimento, deve aceitar a união homossexual como “casamento”, a ordenação de gays e tantas outras situações estranhas à consciência coletiva³ dos cristãos.

¹ CNBB, Diretrizes para a formação presbítero da Igreja no Brasil, 48a Assembleia Geral da CNBB, 2010.

² Sobre esse tema ofereço aqui uma bibliografia básica, pois neste artigo não poderemos aprofundar o assunto, para não nos desviarmos do objetivo: David HARVEY, *A condição pós-moderna*, Loyola, São Paulo 1999; Jean-François LYOTARD, *O Pós-moderno*, José Olympio, Rio de Janeiro 1986; Fredric JAMESON, *Pós-Modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*, Ática, São Paulo 1996; Zygmunt BAUMAN, *Modernidade e ambivalência*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro 1999; ID., *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro 2003; ID., *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro 2004; ID., *Modernidade Líquida*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro 2001; ID., *O mal-estar da pós-modernidade*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro 1998.

³ Consciência coletiva aqui deve ser entendida a partir da sociologia de Durkheim, como “O conjunto de crenças e de sentimentos comuns à média dos membros de uma



Esta cultura atual pode ser muito boa para as pessoas se assumirem e se aceitarem como são e viverem em seus *guetos* de “iguais”, *mas não para a Igreja*.

A Igreja é uma Instituição Social que possui suas normas, regras e tradição. Seus dirigentes têm a responsabilidade de oferecer ao povo de Deus pastores que possam ser compatíveis e coerentes com a doutrina e com o Evangelho e com a consciência dos cristãos. Caso contrário, a plausibilidade desta instituição começa a ruir, e, com isto, sua credibilidade vai aos poucos se diluindo em meio a um mundo sociopático onde tudo é relativo, nada é plausível e pode ser desacreditado, onde a ditadura das minorias cala o direito de expressão das pessoas religiosas com o apoio da lei, mediante o sofisma de que isso é democracia. Essa é a cultura em que vivemos.

O último documento da CNBB que diz respeito à formação⁴ menciona os problemas que envolvem o “*exercício do ministério presbiterais como: incoerência, autoritarismo e um celibato mal vivido*”; e ainda diz: “*Tenha-se presente que no campo da sexualidade podem verificar-se distúrbios sexuais incompatíveis com o sacerdócio*”, referindo-se a uma passagem de outro documento que trata da questão da ordenação do homossexual:⁵

Se o candidato pratica a homossexualidade ou apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas, o seu diretor espiritual, bem como o seu confessor, tem o dever, em consciência, de dissuadi-lo de prosseguir para a ordenação.

Em seguida, mostra os fundamentos teológicos do sacramento da Ordem, a identidade e a vida do presbítero e o que esta exige destes homens.

A Igreja já lançou outros tantos documentos a respeito desse assunto, com proibições claras e objetivas da ordenação de homossexuais.⁶

mesma sociedade” – E. DURKHEIM, *A Divisão do Trabalho social*, Martins Fontes, São Paulo s/d.

⁴ CNBB, *Novas Diretrizes para a formação presbiteral da Igreja no Brasil*, 48ª Assembleia Geral da CNBB, 2010, n. 36 e n. 38 respectivamente.

⁵ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrução Sobre os Critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*, Paulinas, São Paulo 2005, n. 3, p. 16.

⁶ ID., *Orientações para a utilização das Competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, Cidade do Vaticano 2008, Zenit Org.



Mas, por que há impedimento em ordenar sacerdotes gays? Se nós fôssemos olhar para a consciência coletiva do povo de Deus, isso teria respostas óbvias e nem se deveria questionar. Mas a cultura pós-moderna liquidificou os *sólidos* de tal forma que temos que gastar tempo e neurônios para legitimar coisas óbvias em todos os lugares, na família, com os filhos, na Igreja, na política, na escola, nas universidades...

1 As configurações

Neste momento, não vamos aprofundar aspectos psicológicos da homossexualidade, pois não é este o objetivo; e requereria muito espaço, pois é uma questão bastante complexa e divergente entre os autores que tratam do assunto. Mas vamos apenas mencionar alguns autores, alguns dados relacionados à realidade das configurações exigidas pela Igreja da pessoa do clero em contraposição com as configurações do homossexual.

Também é bom ficar claro que não se trata de discriminação, uma vez que a Igreja acolhe o homossexual como pessoa que pode ser cristã como qualquer um de nós; recusa o sacerdócio a ele como recusa às mulheres, por motivos diferentes ou não, como vamos ver aqui.

A homossexualidade masculina, independente do que se trata em termos psicológicos, é, de fato, uma configuração de um corpo masculino com um psiquismo efeminado. Não podemos dizer *feminino*, porque não se trata de ser feminino como o das mulheres, mas de ter características efeminadas na escolha do objeto de desejo. Escolhem o mesmo objeto de desejo que as mulheres heterossexuais escolhem. Esta configuração não é algo superficial, mas envolve todo um psiquismo específico de homossexuais, o qual possui características incompatíveis com as configurações que a Igreja exige do clero e que os difere de homens heterossexuais de forma profunda, nas relações com as pessoas, nas resoluções de problemas e em todos os aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais. Quais são elas?

- a) De acordo com o último documento da CNBB,⁷ a configuração principal do sacerdote é com Cristo,⁸ um *ser* do qual decorre

⁷ Cf. Nota 4.

⁸ Cf. n. 50.



um agir⁹ *in persona Christi*, “uma representação sacramental de Jesus Cristo”.¹⁰

Poderíamos, então, configurar o gay a Cristo? Seria isso uma coisa aceitável e legítima? O que isso teria como consequência com relação à não ordenação de mulheres? Seria isso justo para com as mulheres? O que significaria configurar o gay a Cristo e dizer que não se ordenam mulheres, porque não se configuram a Cristo? Para se configurar a Cristo, basta ter “falo” concreto? Caberiam as perguntas: Ser homem é apenas ter órgãos genitais masculinos? Homens e gays identificam-se com a masculinidade exigida pelo sacerdócio?¹¹ Parece que o grande erro e a grande confusão que fizeram com que a Igreja ordenasse homossexuais foi imaginar que eles eram “homens”. São pessoas, mas não varões. Pois o que faz ser homem ou mulher não são somente os órgãos genitais. Esta é uma visão estreita e biológica que não cabe mais nos dias de hoje. A homossexualidade é uma *identidade* do indivíduo.

- b) O mesmo documento acima diz, no n. 61, que “o presbítero recebe as potencialidades da paternidade espiritual e, quando o bispo lhe confere jurisdição, lhe designa um povo, a fim de que venha a ser dele o pai espiritual...” Poderíamos questionar como o homossexual pode ter a capacidade paternal, se o desejo dele é configurado de forma a não procriar? Isso sem considerar o que inúmeros autores da área de psicologia e da psicanálise afirmam sobre a imaturidade afetiva do homossexual, assim como os documentos da Igreja que tratam desse assunto.

Quanto às configurações, teríamos ainda muito mais itens a abordar (noivo, pastor, esposo e outros), mas nos estenderíamos muito e deixaríamos outros mais importantes relacionados ao povo, que aqui nos interessam.¹²

⁹ *Idem*.

¹⁰ Cf. n.52.

¹¹ Estas perguntas são bem respondidas pelo artigo de Peter METTLER, Homossexualidade e ministério ordenado, em: REB 69 (2009) 834: “San José Prisco chama a atenção para o fato de que não são só os órgãos sexuais masculinos que definem a condição de homem ou varão. A condição de homem ou mulher se delinea mediante a interação de três aspectos fundamentais: ‘A identidade sexual, o papel sexual e a orientação sexual’”.

¹² Cf. sobre estas e outras configurações exigidas, assim como uma abordagem mais profunda dos aspectos psicológicos do homossexual em comparação com estas



2 O povo de Deus

É certo que a Igreja não é uma instituição democrática, mas ela existe para o povo de Deus, para evangelizá-lo e trazer-lhe Cristo. Este povo é destinatário da sua mensagem e é a ele que a Igreja se dirige e é com ele que a Igreja caminha e é nele que a Igreja deve pensar em primeiro lugar. É missão da Igreja evangelizar, ser profética, ir contra toda prática que é contra a vida e a família; mas, como ela poderá fazer isso, se paradoxalmente os padres são gays e se dentro da Igreja se vai contra o Evangelho? É possível uma instituição assim ter credibilidade? Como a Igreja irá ser profética, pronunciando-se contra a prática de adoção de crianças por homossexuais, se dentro dela se negligenciou a pedofilia? Como ela poderá ir contra o casamento gay, se dentro dela os gays são seus representantes e formam casais? Estes paradoxos quebram completamente a plausibilidade da Igreja, uma vez que a deslegitimam e a tornam não mais crível.

Sabemos que o povo de Deus possui uma consciência coletiva. Nesta existem padrões de comportamentos aceitos e outros comportamentos que fogem aos padrões e que fazem de conta que são “aceitos” (hoje, na cultura atual) para não serem politicamente incorretos, mas que não são e nunca serão aceitos como moralmente corretos. Pode haver paradas Gay, movimentos, manifestações de todo tipo, quanto à aceitação da homossexualidade como “normal”, mas não terão êxito na realidade da consciência das pessoas heterossexuais, pois a consciência coletiva de um povo não muda de forma fácil e rápida e, em alguns aspectos, pode nunca mudar. Existe uma questão – que todos sabem e ninguém diz por pudor, mas que devemos abordar porque, na consciência coletiva está claro, – que é a necessidade da condição não normal e fora do padrão do tipo de relação sexual que os homossexuais têm que ter para satisfazerem seu desejo. Essa questão torna a homossexualidade algo não aceito como “normal”, independentemente se na realidade é normal ou não. As pessoas não falam isso para não chocar, mas devemos tratar da realidade de forma a trazer a verdade claramente. Essa concepção está na consciência coletiva, e nada poderá mudá-la.

Isso não quer dizer e não pode servir para legitimar nenhuma prática homofóbica, pois nada justifica o não acolhimento, a violência

configurações que a Igreja exige dos presbíteros, no artigo muito bem elaborado de Peter METTLER, *art. cit.*, 806-842.



ou a discriminação destas pessoas. Mas o acolhimento, a não-violência e a não-discriminação destas pessoas como pessoas que merecem o nosso amor cristão, o nosso respeito e o nosso acolhimento nada têm a ver com aceitar que estas pessoas possam ser os nossos representantes de Cristo na terra e na Igreja. *São coisas bem diferenciadas.*

Isso gera uma situação onde as pessoas não dizem, mas se afastam de uma Igreja que coloca estas pessoas com este tipo de desejo e comportamento para serem nossos pastores. Será mesmo que nós, povo de Deus, iremos aceitar estas pessoas para nos *apascentar*, desempenhando o múnus de nos *ensinar, santificar e governar*, como diz o documento?¹³ E ainda, como uma pessoa cheia de conflitos internos, de gastos de energia para lidar com uma situação sexual e emocional diferente, poderá ter disponibilidade interna e psicológica para *apascentar, ensinar, santificar e governar* o povo de Deus?

Ou seja, o que se quer dizer aqui não é que o povo discrimina os gays, mas o povo não os aceitará como representantes de Cristo, e representantes do povo nas suas relações com Deus,¹⁴ sem que haja um incômodo e um conflito. Se o povo soubesse das estatísticas pesquisadas por Mettler,¹⁵ talvez 80% deixariam a Igreja. O que ocorre é que o povo, muitas vezes, é ingênuo, só percebe aqueles casos mais aberrantes, e talvez o próprio Espírito Santo os cega para não perderem a fé e ficarem sem referenciais, engrossando o número de “perdidos” da cultura pós-moderna.

A verdade é que ordenar gays como a Igreja tem feito, por conivência de alguns bispos ou por descuido, é deixar ruir a Igreja perante o povo.

O povo deve e pode aceitar os gays como leigos, como nós, com direitos de serem cristãos como nós, com todos os direitos na Igreja que o leigo tem. Mas daí a imaginar que somos obrigados a aceitá-los como nossos pastores, nossos líderes, representantes de Cristo para nós e intermediários entre nós e Deus, isso já é falta de discernimento.

¹³ Cf. n. 53.

¹⁴ Cf. n. 50 e 52.

¹⁵ P. METTLER, *art. cit.*, 812-815.



3 Elementos concretos

Na realidade concreta, deparamo-nos com outras questões de cunho mais íntimo na vida religiosa e no próprio clero. São as questões da vida religiosa – incluindo também as congregações femininas em si¹⁶ – ou do clero diocesano, que são locais em que se convive intimamente com as pessoas do mesmo sexo em ambientes fechados. Esse é o problema mais complicado, pois não é possível viver a castidade sem que haja ambiente propício; a sublimação só é possível em determinadas condições ambientais. E não são todos que são capazes de sublimar até mesmo em condições ambientais favoráveis.¹⁷ É muito difícil acreditar na castidade de quem *dorme ao mesmo lado* do seu objeto de desejo. Existem homossexuais que entram na Igreja para o sacerdócio, tentando com isso fugir de sua homossexualidade, viver o celibato e a castidade, mas é uma porcentagem mínima que consegue, e a luta interna é tão intensa que esta pessoa não tem como ser um *bom pastor*.

Aqui se encontra um dos problemas sobre a questão de o homossexual ser padre. Será que, se a Igreja fosse masculina e *feminina*, ou seja, se houvesse a presença de mulheres como esposas de alguns sacerdotes ou como presbíteras, da mesma forma como há dos homens no que diz respeito às decisões eclesiais¹⁸ –, será que os homossexuais seriam realmente atraídos pela vida sacerdotal? O que os atrai para esta vida não seria justamente o fato de a Igreja ser masculina?¹⁹ E como é esta vivência da castidade ao lado do objeto de desejo? Fazendo retiros jun-

¹⁶ Lembrando que a situação das congregações femininas é muito diferente das masculinas no que diz respeito ao controle social, à rigidez moral, à falta de liberdade para se ter uma vida dupla, entre outras diferenças que não cabem mencionar nesta pequena nota, assim como a homossexualidade feminina também se diferencia em alguns aspectos da masculina.

¹⁷ Cf. Carlos Dominguez MORANO, *Afetividade, espiritualidade e mística*, CRB, 2007.

¹⁸ A autora não tem a intenção de sugerir o sacerdócio para as mulheres ou o casamento para os padres, isso já seria uma outra discussão muito complexa. Apenas sugere com esta afirmação que, a ausência das mulheres nos círculos decisórios da Igreja, favorece a presença de homossexuais, cuja tendência psíquica é, principalmente, a distância de mulheres com poder.

¹⁹ Sobre esta questão a respeito da homossexualidade e das suas relações com mulheres e homens pode-se conferir em: Otto FENICHEL, *Teoria psicanalítica das neuroses. Fundamentos e bases da doutrina psicanalítica*, Atheneu, 2000, p. 307: “A submissão passiva ao pai cobre a ideia inconsciente de roubar-lhe a masculinidade [...]. Inconscientemente, consideram temporária a sua feminilidade, veem nela o meio de conseguir um fim; quando são parceiros ‘femininos’ de um homem masculino, é como se estivessem aprendendo os segredos da masculinidade com um ‘mestre’[...]. Em casos assim, a submissão ao pai combina-se a traços de identificação amorosa,



tos, dormindo no quarto ao lado, quando não no mesmo quarto? Como é esta questão aos olhos do povo e na realidade concreta? Poderíamos dizer que há castidade assim? Seria este um ambiente favorável para a sublimação, uma vez que se convive diariamente e intimamente com o objeto de desejo? Ou seria falta de cuidado e de caridade para com o homossexual ordená-lo, esperando que Deus lhe dê uma graça que não supõe a natureza? Não seria expô-lo ao risco de dar escândalos e ao masoquismo de ter que sublimar sem ambiente favorável?

Se formos pensar bem, saberemos que, se a Igreja tivesse mais presença feminina, os homossexuais não iriam se sentir tão atraídos pelo sacerdócio; sabemos que o convívio contínuo e íntimo com o objeto de desejo não favorece a sublimação e a castidade; sabemos que não podemos exigir uma graça que não supõe a natureza e sabemos que aos olhos do povo não pega bem uma instituição masculina fechada (conventos) com relações que podem ser homossexuais entre suas paredes.

Nada quebra mais a plausibilidade da Igreja para o povo do que a incoerência entre a consciência de seus membros representantes e aquilo que a Igreja propõe objetivamente.²⁰ Por isso, ser padre e homossexual é um paradoxo que fará ruir a Igreja. Pois é uma consciência subjetiva que não se coaduna com a consciência objetiva desta (Evangelho, família, matrimônio etc.) e, conseqüentemente, com o *sensus fidei*.

Não podemos esquecer que o convívio nos seminários entre heterossexuais e homossexuais não é sem conflitos. Em minha experiência pessoal de professora de seminaristas há mais de seis anos, tenho tido inúmeros casos de rapazes heterossexuais que saem do seminário, perdem a vocação, devido ao fato de terem que conviver com colegas seminaristas homossexuais e muitas vezes com formadores que são também homossexuais. Se as coisas continuam em um ritmo assim, teremos uma Igreja masculina ou uma Igreja gay? Isso sem mencionar que o jeito efeminado de falar e de se portar já está se tornando cultural de seminários. Seria importante o magistério começar a pensar o que está acontecendo, pois a

arcaica e original com o pai". Ou seja, o fato de a instituição ser masculina e ter estes "pais" favorece enormemente a entrada desse tipo de pessoa.

²⁰ Cf., a respeito deste assunto, os textos de Peter Berger sobre instituições e legitimações, em: *Dosset Sagrado*, Paulus, 2005. Para este autor, uma instituição passa a ser deslegitimada a partir do momento em que ela não é mais acreditável, e isso ocorre quando perde a plausibilidade. Esta, por sua vez, deixa de existir, quando a consciência subjetiva dos membros da instituição não mais é coerente com a consciência objetiva desta.



efeminização do padre não é interessante para uma Igreja que se dispõe a ser masculina, e isso tem algum significado: é *sintoma* de alguma coisa que não está bem. Fui professora também muitos anos em instituições seculares e heterogêneas – e posso comparar – a quantidade de rapazes efeminados em uma sala de aula de seminaristas ultrapassa muito a quantidade de rapazes efeminados numa sala de aula de qualquer outro curso de graduação, proporcionalmente.²¹

No sentido de uma instituição fechada, o mencionado documento da CNBB, neste ponto, oferece algumas novidades interessantes, sendo uma delas a presença de mulheres, de leigos e leigas na formação, como participantes desta, como se pode perceber no n. 146. Isso irá favorecer uma seleção melhor nos seminários, principalmente devido à presença de mulheres, pois, se os formadores souberem fazer bom uso das qualidades femininas, poderão escolher mulheres capazes de perceber, intuir e sentir os problemas e também algumas formas de solucioná-los.

Em termos concretos, se este documento da CNBB for realmente considerado pelos formadores com seriedade, exigirá do candidato condições de relacionamentos que sejam verdadeiramente maduras, sem infantilismos e com capacidade de agregação, e não o contrário; também exigirá do candidato comportamentos verdadeiramente integrados com a comunidade e entre os seminaristas. Mas será realmente suficiente para que gays não sejam ordenados e enganem alguns formadores que não são gays?²²

4 Uma Consideração especial ao artigo de Mettler e os Limites dos documentos eclesiais diante da “*perversão*”

Temos que considerar as pesquisas feitas por Mettler,²³ onde foi mostrado que os números de homossexuais nos seminários, entre sacerdotes e religiosos, são alarmantes e desproporcionais em relação ao mundo. O que leva a uma *flagrante discriminação de seminaristas heterossexuais, à formação de uma subcultura homossexual e à constituição de redes de homossexuais nos seminários e conseqüentemente*

²¹ Sobre o assunto deste parágrafo voltaremos com mais substância no item dos limites dos documentos eclesiais.

²² Com efeito, os que são gays não precisam nem se dar ao trabalho de enganar.

²³ P. METTLER, *art. cit.*, 812.



no clero [...]. Estes aspectos são sentidos nitidamente por quem convive com seminaristas e em meio à vida religiosa e, como já foi mencionado neste artigo, leva *ao êxodo dos heterossexuais, decisivo no caminho da 'homossexualização' do clero*.²⁴

Deduzimos daí que a Igreja hoje enfrenta um problema muito maior do que ordenar ou não ordenar gays. Pois o problema citado acima não trata mais de homossexualidade em si, mas de *perversão*. Não podemos dizer que todo homossexual seja perverso (no sentido psicanalítico e não moral do termo), mas o homossexual que invade a Igreja, desta forma, cria redes de homossexuais e impõe-se contra toda e qualquer regra da instituição; este, sim, é perverso no sentido do termo 'perversão' citado por Claire Pajazckowska como: *violentar, abusar, desviar, inverter, reverter, afastar*.²⁵

O termo perversão aqui deve ser entendido dentro do contexto psicanalítico e também sociológico, que significa não somente a tentativa de quebra dos padrões estabelecidos, das regras e normas sociais, mas principalmente no sentido de burlar a regra para satisfazer suas necessidades e desejos individuais, prejudicando os outros, as instituições e a sociedade e que pode ser designado como *sociopatia*, em grau maior ou menor. Nesse contexto, a Igreja deve ficar atenta, pois, mesmo com todos os documentos, poderá haver pessoas que, quanto mais perversas, mais conseguem enganar bem a todos. Nesse sentido, o documento da CNBB aborda a questão do acompanhamento psicológico profundo, da contínua formação, mas o cuidado deve ser maior. Pois o homossexual que não é perverso não irá querer burlar a regra e a norma da Igreja, deverá ser honesto consigo mesmo e por si mesmo chegar à conclusão que a vocação do sacerdócio não é para ele. *O documento conta com este tipo de pessoa*, mas o que normalmente ocorre é outro tipo de pessoa que quer se apossar do sacerdócio (não necessariamente é sempre homossexual, embora seja mais que comum que o seja) à custa de manipular os formadores e superiores em geral. Para isto, a Igreja deverá obter maiores conhecimentos desta patologia que se denomina "perversão".²⁶ Pois o sacerdócio não é somente um bom esconderijo para quem tem problemas sexuais, mas

²⁴ *Ib.*, 816.

²⁵ Claire PAJAZCKOWSKA, *Perversão. Conceitos de psicanálise*, Ediouro/Relume Dumará, São Paulo/Rio de Janeiro 2005, 13.

²⁶ Uma bibliografia simples e excelente sobre este assunto é: Claire PAJAZCKOWSKA, *op. cit.*



para quem tem problemas de todo tipo. Infelizmente, numa sociedade com uma cultura em que os problemas aumentam, a Igreja torna-se uma instituição cada vez mais desejada por pessoas que nem sempre estão bem intencionadas. Mas mentem e enganam bem com lágrimas na confissão e na direção espiritual. *E muitas vezes chegam ao episcopado.*

No sentido psicanalítico que se casa bem com o sociológico, o sociopata ou pessoa que possui Transtorno de Personalidade Antissocial, denominado *perverso*, cuja estrutura é diferente do neurótico ou psicótico, é a pessoa que teve problemas na infância com os limites (castração) e não os aceita. Estas pessoas são totalmente avessas às regras e normas sociais e sentem prazer em quebrá-las. São pessoas que mentem, não sentem remorsos normalmente e, quando são acuadas ou descobertas, fingem arrepender-se, de forma que muitos não acreditam que é falso; é onde conseguem permanecer no clero, pois para o confessor se arrependem, choram, dizem que vão mudar, que não gostam de ser assim e de agir assim, e o confessor ou diretor espiritual, desavisado de que se trata de uma patologia, cai. Nasini descreve os homossexuais no clero segundo as pesquisas feitas da seguinte forma:

Usualmente, esses ministros (sacerdotes-religiosos ativos no ministério) são descritos por seus colegas como inteligentes, de muita capacidade criativa e realizadora. Conquistam facilmente as pessoas em geral. Sabem envolver os que estão à sua volta, pois geralmente são simpáticos e criativos. Mas, por outro lado, agem furtivamente, sempre por baixo dos panos, deixando transparecer insatisfações internas, frustrações afetivas e descontroles psicoemocionais. Buscam preencher freneticamente os vazios através desse comportamento sexual. Eles parecem ser pessoas espiritualistas e reflexivas, afeminados nos seus gestos e com tendência à passividade, aceitam as coisas como elas se apresentam. São pessoas muito informadas e com muitas influências. Gostam de bajular os poderosos, de disfarçar e fingir. Na visão de um padre que respondeu à pesquisa, a homossexualidade entre o clero constitui um comportamento marcado pela violência, preguiça e farisaísmo. Tal comportamento é escandaloso, e toda a comunidade é a primeira a saber. Lamentavelmente, essa coisa não é só de padres, mas também de bispos.²⁷

No entanto, nesses casos, não se trata apenas de homossexuais, mas de homossexuais perversos. Hoje, estão aumentando muito as per-

²⁷ Gino NASINI, *Um espinho na carne. Má conduta e abuso sexual por parte de clérigos da Igreja católica do Brasil*, Santuário, Aparecida 2001, 115, grifo meu.



versões, devido aos problemas familiares e às mudanças de papéis entre os pais. Mães que fazem papéis de pais e pais que não fazem papel algum é um problema para a constituição psíquica do ser humano, dentre outros fatores que também se agravam, como ausência desses pais, falta de afetividade, sobrecarga de trabalho, agressividade, falta de referenciais, medo de colocar limites, afeto desordenado e tantos outros comportamentos desequilibrados dos pais e das mães em relação aos filhos. Inclusive a perda da influência da religião na sociedade é um dos fatores que impede a contenção dos instintos, gerando mais sociopatias.

Para os homossexuais perversos, a Igreja é um “ninho aconchegante”, pois ali ele encontra seu objeto de desejo, seus supostos “pais”, com quem estabelecem relações amorosas, sejam elas abstinente sexualmente ou não, ou ainda, “filhotes” em quem se projetam e amam como se fossem a si mesmos.²⁸ Encontram proteção, pois ninguém irá mexer com “padres”, buscam status e poder, duas coisas que atraem o homossexual pela sua necessidade de manipulações, e ambientes favoráveis para segurança econômica e para realizarem seus desejos sem que ninguém os incomode. Ressaltando que os homossexuais não perversos dificilmente permanecem nesta estrutura, porque não conseguem viver mentindo a todos por longo período. Ou seja, os homossexuais que permanecem, na maioria, serão os perversos, devido à necessidade de mentiras e à facilidade de vida dupla sem que se exponham ao julgamento do povo *na sua fantasia*, pois na realidade acabam se expondo. O perverso também menospreza não somente as normas e regras institucionais, mas também a capacidade de inteligência e de percepção das pessoas. Para estas pessoas, o prazer sexual só é possível a partir do momento em que burlam as regras, pois o que os impede de ter prazer é a castração (lei social);

²⁸ Otto FENICHEL, *op. cit.*: “Uns tantos homossexuais, a saber, homens que tiveram nos primeiros anos de vida fixação intensa por um homem [...] regridem, simplesmente, depois de adquirirem esta atitude, ao seu ponto de fixação e escolhem homens que lhes recordam o objeto primário”, p. 309; “O tipo de indivíduo que é mais narcísico do que ‘feminino’ tenta, antes de mais nada, garantir um substituto dos seus desejos edípianos. Depois que se identificou com a mãe, comporta-se como até aí desejara que a mãe se comportasse para com ele. Escolhe para objetos amorosos rapazes ou meninos que, para ele, se lhe assemelham e ama-os e trata-os com a ternura que desejara da parte da mãe. Embora procedendo como se fosse sua mãe, está centrado, emocionalmente, no seu objeto amoroso, assim desfrutando ser amado por si mesmo. O tipo de desenvolvimento a que estamos aludindo produz ‘indivíduos homoeróticos’, que procuram, de forma ativa, pessoas mais jovens como objetos [...]. Fixados naquele período da vida em que ocorreu a orientação decisiva, os indivíduos deste tipo costumam amar adolescentes, estes o representando ao tempo de sua própria adolescência”, p. 310-311.



*pela perversão, ele tenta provar que não existe castração*²⁹; somente aí volta a ter condições de ter prazer.

Nesse sentido, o documento inova com a presença de mulheres na formação, pois os homens em geral têm dificuldade em perceber a falsidade por meio de gestos, do olhar, do tom de voz, do riso e de comportamentos claramente manipuladores e bajuladores aos olhos de mulheres mais intuitivas e com conhecimentos nas áreas de ciências humanas. No entanto, o documento não menciona este problema tão grave e presente na Igreja hoje.

Aqui encontramos o maior limite dos documentos, pois eles não são capazes de apontar para a presença do perverso e alertar sobre este tipo de pessoa, para que seja detectada na Igreja. Muito ao contrário, o último documento aponta para a necessidade de comportamentos do candidato que o perverso é capaz de cumprir com muito êxito de forma falsa e enganosa, e é isso que tem levado a Igreja a ter os problemas que hoje enfrenta. Ela possui uma estrutura “mole” para perversos, até porque eles sabem bajular os superiores, e muitos superiores, se não são perversos também, entram nesta bajulação com verdadeiras mostras de afeto e de confiança, como se estas pessoas fossem dignas disto.

Incrivelmente, encontramos homens bons, que não são perversos, mas que, em momentos de escândalos, têm um excesso de misericórdia sem discernimento e não conseguem distinguir a diferença entre um homem pecador como qualquer um de nós e um perverso. Portanto, é um excesso de misericórdia para com o que causou o escândalo e falta de zelo pela Igreja e desconsideração pelo povo de Deus.

5 Encaminhamentos pastorais da homossexualidade

A Igreja, pastoralmente, ao pedir ao homossexual (e a todos) a castidade, está correta, mas devemos saber que nem sempre será possível. A castidade é uma das coisas mais difíceis para qualquer um de nós, heterossexuais ou homossexuais, mas parece que para o homossexual é um pouco mais difícil, quando não impossível. Isso não deve impedi-lo de participar das missas, de ser acolhido como cristão, se assim ele o desejar. Pois Cristo é para todos e veio para os pecadores, que somos

²⁹ *Ibidem*, 306.



todos nós. Se ele consegue viver a castidade, poderá comungar, se não, deverá ser acolhido e participar como os casais de segunda união que também não comungam, como as pessoas que não vivem a castidade em geral e que não devem comungar, ou seja, ele deve ser acolhido como pessoa entre as outras que também enfrenta dificuldades a respeito da vida sexual. A sua condição não deve afastá-lo da palavra de Deus e do direito de ouvi-la. Ele deve ser incluído, amado e respeitado.

Também é importante uma dica sociológica para os homossexuais. Sociologicamente, quanto mais agressiva é uma prática e uma tentativa, mais aversão irá gerar no lado oposto. As paradas gays, os movimentos de homossexuais, devem entender que devem lutar pelos seus direitos de pessoa como outra qualquer, mas existem regras e normas que devem ser respeitadas. Se o homossexual desrespeita as normas e as regras, principalmente as das instituições, ele não está lutando pelos seus direitos, mas está agredindo a sociedade e caindo naquilo que chamamos de “perverso”, pois não podemos impor para os outros aquilo que é regra para nós. A Igreja não vai à parada gay para tentar mudá-los de “escolha” sexual, mas eles vão até o papa para fazê-lo mudar as regras da Igreja. Isso gera homofobia. Por isso a homofobia tem aumentado, pois a prática de se impor aos outros com violência (verbal e prática, não física) gerará maior violência. Seria interessante os homossexuais saberem disso e se cuidarem para serem pessoas agradáveis à sociedade e não o contrário; o povo é bom e pode amá-los e respeitá-los, desde que eles respeitem o povo.

Com exceção dos que ainda possuem uma bissexualidade, dificilmente o homossexual terá uma condição heterossexual. Não adianta a Igreja ficar pregando que eles têm que deixar de ser homossexuais, pois quem já se delineou assim em algum momento da vida, na infância ou na adolescência e assim se cristalizou, não irá ter mudança. Porém, podem ser respeitados e não discriminados, se respeitarem a liberdade dos outros serem heterossexuais (coisa que já está quase se perdendo), de terem suas regras institucionais, como no caso da Igreja, e nem por isso ela os condenará (o que se condena é a homossexualidade em si e sua prática e não o homossexual). Isso é diferente de querer que a Igreja mude suas regras e normas de 2000 anos. Assim como nós, mulheres, se queremos ser católicas, não devemos querer impor à Igreja o sacerdócio das mulheres. Esta regra existe desde 2000 anos e só irá mudar quando os homens de dentro dela quiserem, e isso não irá acontecer por pressão, por violência, por imposição, se é que um dia isso irá mudar. Talvez



nunca mude, e nós mulheres temos que conviver com isso em paz, em comunhão e unidade. Porque os homossexuais querem mudar a Igreja, querem o casamento gay, querem se ordenar...? Isso gera homofobia, sociologicamente dizendo.

Se todos nós assumirmos o que somos e formos verdadeiros conosco e com os outros, o mundo poderá ser muito melhor, pois “é a verdade que liberta”, e esta começa conosco, com a nossa vida – o que não é assumido não pode ser salvo. Assim, poderemos nos relacionar bem, sem homofobia, e as instituições poderão manter suas regras sem serem vistas como discriminações, pois acusá-las disso já seria uma manipulação da razão e da verdade.

6 O que o Espírito Santo estaria dizendo

Com toda esta situação da Igreja, com os escândalos de pedofilia³⁰ e o número de homossexuais ordenados, assim como de bispos homossexuais nomeados, o que será que o Espírito Santo está a dizer para a hierarquia da Igreja? Apenas que ela foi negligente e desatenta a este problema, colocando hoje o povo de Deus católico em situação de provação ao comprometer a sua plausibilidade perante toda a sociedade?

O que estes problemas de homossexualidade perversa teriam a ver com as relações de poder que existem na estrutura da Igreja? Não seria a atual estrutura de relações entre Bispo, clero, seminaristas, que estaria atraindo para dentro da Igreja este tipo de pessoa? Como se dão estas relações de poder?

O que estes problemas teriam a ver com o clericalismo? O que teriam a ver com remanescentes congregações que ainda valorizam o clero em seu “*poder sacerdotal*” inabalável devido a uma graça – que nem sempre supôs a natureza – recebida na ordenação?

A ordenação de gays é realmente válida perante o direito canônico? Ou os gays deveriam ser suspensos da ordem por vários motivos de configurações e, principalmente, porque não deveriam ser entendidos como homens-varões?

Esses gays que já são ordenados não irão reproduzir esta situação, se a hierarquia não ficar atenta quanto às perversões? Qual o poder

³⁰ Que nem se trata de pedofilia, mas de *efebolia*, e que não passa de simples homossexualidade.



que gays que chegaram ao episcopado ainda têm na Igreja ao elaborar documentos e diretrizes e ao nomear outros bispos?

Uma Igreja masculina que excluiu as mulheres da participação mais ativa nas percepções, decisões e opiniões, teria alguma responsabilidade sobre isso?

Seria a estrutura da Igreja e a forma como ela se moldou (clericalismos, seminários, bispos nomeados sem a participação do povo de Deus, distância entre a hierarquia e o povo, maneiras de lidar com a sexualidade, atitudes internas como – *algumas mentirinhas são santas*) propiciadoras de hipocrisias, carreirismos, desejos ardentes de poder e status?

O que o Espírito Santo estaria mostrando, alertando e pedindo aos verdadeiros sacerdotes que amam a Igreja, com esta situação?

Endereço da Autora:

Av. Afonso Camargo 2125, apt. 33

Cristo Rei

80050-370 Curitiba, PR

BRASIL

E-mail: arlened@uol.com.br